



O NÃO-LUGAR DA DIVERSIDADE NA REPRESENTAÇÃO DAS FAMÍLIAS NO LIVRO DIDÁTICO DE INGLÊS

DOI: 10.48075/ri.v25i2.30360

Agnaldo Pedro Santos Filho¹
Lêda Regina de Jesus Couto²
Marieli de Jesus Pereira³

RESUMO: As mudanças de perspectiva sobre o conceito de educação e como ela deve ser desenvolvida, principalmente nas últimas décadas, demandam da escola uma maior aproximação dos contextos sociais nos quais os educandos estão inseridos. Nesse sentido, as diferentes composições de família formadoras da sociedade devem ser representadas de maneira natural nos ambientes escolares, não apenas para promover o reconhecimento de aprendizes que integram configurações familiares diferentes da imposta socialmente, mas também para exercitar o respeito às experiências individuais. Neste artigo, analisamos a unidade com a temática Família em três livros didáticos de inglês, a fim de compreender quais arranjos familiares são neles representados, contestar a ausência de pessoas negras, bem como questionar o enfoque das classes sociais privilegiadas como padrão hegemônico. Para a pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa que fundamenta essa análise, utilizamos os estudos de Anjos (2019; 2020), Candau (2011), Freire (2004), hooks (2013), Leffa (2021), Lima (2009), Siqueira (2012; 2015), Pennycook (1994; 2001), et alia. Identificamos que as representações familiares apresentadas nessas obras privilegiam apenas alguns modelos de família, reforçando preconceitos e estereótipos. Assim, destacamos a importância e a urgência de que as configurações sociais e familiares representadas nos livros didáticos de inglês fomentem o respeito à diversidade, de modo que os educandos se reconheçam e acolham diferentes formatos de família

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (UFBA). Professor EBTT do Colégio Militar de Salvador. E-mail: agnpedro@gmail.com.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural (UNEB). Bolsista PAC-DT (UNEB) Professora Assistente (UNEB). E-mail: ledaregina1@hotmail.com.

³ Doutora em Literatura e Cultura (UFBA). Professora da Rede Estadual de Ensino do Estado da Bahia (SECBA). E-mail: marieli.pereira@gmail.com.

como constituintes da sociedade.

Palavras-chave: Ensino de inglês; representações familiares; diversidade.

THE NON-PLACE OF DIVERSITY IN FAMILY REPRESENTATIONS IN ENGLISH TEXTBOOKS

ABSTRACT: The perspective changes on the concept of education and how it should be developed, especially in recent decades, demand a closer approach from the school to the students' social contexts. In this sense, the different family compositions that constitute society must be represented in school environments in a natural way, not only to promote the recognition of learners who integrate family configurations different from the socially imposed one but also to exercise respect for individual experiences. In this paper, we analyze the unit on family in three English language textbooks in order to understand which family arrangements are represented in them, challenge the absence of Black individuals and question the focus on privileged social classes as the hegemonic standard. For the bibliographical research with a qualitative approach that underlies this analysis, we used studies by Anjos (2019; 2020), Candau (2011), Freire (2004), hooks (2013), Leffa (2021), Lima (2009), Siqueira (2012; 2015), Pennycook (1994; 2001), et al. We detected that the family representations presented by textbooks favor only some family models, reinforcing prejudices and stereotypes. Thus, we highlight the importance and urgency that the social and family configurations represented in English language textbooks should encourage respect for diversity so that students recognize themselves and welcome different family formats as constituents of society.

Keywords: English Teaching; family representations; diversity.

INTRODUÇÃO

A sociedade tem passado por constantes processos de transformação que exigem da escola mudanças capazes de viabilizar uma aproximação dos contextos dos quais os aprendizes fazem parte, a fim de que o processo de aprendizagem se torne mais significativo e consistente. Siqueira (2012; 2015), Anjos (2019) e Leffa (2021) enfatizam o espaço do ensino de línguas estrangeiras como um ambiente sociocultural de aproximação da língua à realidade dos estudantes, o que ratifica o lugar do ensino do inglês, ou de quaisquer línguas estrangeiras, como ideal para se refletir sobre as relações do sujeito em sociedade. Apesar dessa demanda, a escola continua perpetuando valores e padrões de comportamento segregacionistas que invisibilizam as diferenças entre os indivíduos e os grupos sociais aos quais pertencem.

Considerando a escola como um ambiente de educação emancipadora com princípios e ações que prezam o respeito e a diversidade, percebemos a necessidade da inclusão das diferentes configurações de famílias nos livros didáticos e nas discussões realizadas em nossas salas de aula. Nessa perspectiva, o processo de ensino e aprendizagem da língua inglesa pode e deve contribuir para o desenvolvimento de atitudes críticas, reflexivas e respeitadas com relação às diferentes formas de viver e de atuar na sociedade.

Geralmente, atribui-se ao livro didático a função central das aulas de língua inglesa e, por isso, é preciso utilizá-lo de forma crítica e responsável para que as diversidades culturais, políticas e sociais, que formam as identidades dos aprendizes, sejam respeitadas. Assim sendo, temos como objetivo investigar como se dão as representações familiares em três livros didáticos de língua inglesa selecionados para esta pesquisa. Para isso, este artigo foi organizado da seguinte forma: 1) introdução, na qual destacam-se a temática, a delimitação do problema e os objetivos; 2) procedimentos metodológicos, em que se apresenta a abordagem da pesquisa e seu corpus; 3) fundamentação teórica acerca do uso do livro didático no ensino de línguas, envolvendo aspectos sociais, políticos e culturais, em uma perspectiva crítica, decolonial e emancipadora; 4) análise das configurações de famílias presentes nos livros didáticos escolhidos; 5) considerações finais.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para o desenvolvimento da pesquisa, optamos pela abordagem qualitativa por estabelecer uma relação de interdependência entre o sujeito, o mundo real e o objeto de estudo, oferecendo as condições para compreender o contexto estudado (CHIZZOTTI, 2017). Como procedimento de análise, optamos pela pesquisa bibliográfica, “desenvolvida com base em material já elaborado, constituído de livros e artigos científicos” (GIL, 2002, p.44), e pela análise de conteúdo caracterizada como um método de investigação do teor das mensagens, que pode ser abordada a partir de diferentes ângulos, conforme explicam Lüdke e André (2012), orientada pelos objetivos do estudo.

Assim, no primeiro momento, fizemos um levantamento bibliográfico de autoras e autores que discutem as questões concernentes à pesquisa para embasar a discussão da temática.

Em seguida, procedemos à análise do conteúdo das unidades didáticas que trazem o assunto *The Family* nas obras selecionadas. Assim, para a realização desta pesquisa,

elegemos três livros didáticos de Língua Inglesa do nível A1, que geralmente são utilizados entre o 6º e o 7º ano do Ensino Fundamental. Os critérios utilizados para a seleção foram a presença ou a ausência de diversidade sociocultural informada na descrição da coleção que cada livro faz parte, e o uso das edições mais recentes das publicações às quais tivemos acesso.

Assim sendo, os livros-texto escolhidos são *American English File Starter* (2019) da editora Oxford, que foca na parte linguística e não menciona questões culturais, *Impact Foundation* (2018) da editora NGL/Cengage, que mostra alguns aspectos socioculturais em momentos isolados, e *Wider World Starter* (2020) da editora Pearson, que traz uma seção que aborda elementos culturais ao final de cada unidade.

CONFIGURAÇÕES FAMILIARES: CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA E RESPEITOSA

O ambiente escolar oportuniza a construção de novas relações de amizade e a convivência com pessoas de diferentes classes sociais, credos, culturas, construções identitárias e arranjos familiares que compõem a sociedade contemporânea. A escola é, portanto, um ambiente de grande relevância para a socialização e a formação integral dos sujeitos.

Nesse sentido, hooks⁴ (2013) destaca que a escola se configura como um espaço de possibilidades que oportuniza a luta pela liberdade e a construção coletiva de caminhos que permitem o rompimento de fronteiras. Assim, o ambiente escolar pode ser um lugar de luta contra a intolerância e o preconceito, permitindo a construção de diferentes identidades e promovendo o respeito entre elas.

A insurgência de grupos minorizados, através de movimentos organizados, vem transformando a forma de lidar com os padrões sociais. Nesse contexto, Machado e Vestenra (2019) ressaltam a importância de a escola estar preparada para acolher os diferentes modelos de família que reivindicam o seu espaço na sociedade e no ambiente escolar. Essa diversidade nos arranjos familiares, na atualidade, é resultado de diferentes variações, com diversos modelos a serem definidos e diferenciados da família eleita como padrão normativo (OLIVEIRA, 2009). Corroborando essa ideia, Freire (2004) sublinha que as famílias são uma

⁴ bell hooks escolheu escrever seu nome em minúsculo como uma forma de enfatizar a importância de suas ideias e pensamentos em vez de sua própria pessoa como autora. Ela acreditava que, ao escrever seu nome em minúsculo, o foco é direcionado para a sua obra e não para a sua identidade como figura pública.

construção sociocultural formada por contextos históricos que se modificam a partir de valores, culturas, crenças e hábitos, os quais agregam diversos fatores que contribuem para as definições de família.

Apesar dos diferentes formatos familiares que têm se construído, a representação de família socialmente valorizada ainda é o da família composta por um homem heterossexual cisgênero, uma mulher heterossexual cisgênero, e seus filhos, em que cada um desempenha um papel predefinido pelas convenções sociais (AMAZONAS *et al.*, 2008). Nesse contexto, a representação normalizada de família, construída a partir de discursos e posicionamentos ideológicos, políticos e religiosos, impõe-se sob a égide de uma sociedade patriarcal e conservadora, como o único modelo familiar possível ou aceitável.

Para Rios, Nuñez e Fernandez (2016), a escola se constituiu como um espaço de standardização, onde os padrões estabelecidos silenciam as diferenças e reforçam “o *apartheid*, o desrespeito e a negação do outro a partir de várias formas e manifestações” (p.103). Assim, as situações que envolvem questões relacionadas à diversidade são invisibilizadas no contexto escolar. Isso ocorre, conforme explica Candau (2011), pois “a cultura dominante na escola prioriza o comum, o uniforme, o homogêneo, considerados como elementos constitutivos do universal” (p. 241). Sendo assim, qualquer modelo familiar que diferencie do padrão imposto pela sociedade conservadora é considerado por ela como anormal.

Consoante Caetano, Silva Júnior e Goulart (2016), a pluralidade cultural ainda é pautada nos currículos escolares sob uma matriz colonial, uma vez que a escola reforça referências de família, de raça, de masculinidade e de sexualidade “a partir de ideais de branquitude, de masculinidades e de heteronormatividade” (p.132). Assim, a escola deixa de ser um espaço de acolhimento das diferenças, impondo padrões que a configuram como um ambiente de relações sociais e práticas pedagógicas excludentes e que não garantem direitos iguais a todas as pessoas.

O LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA INGLESA

Santos Filho, Santos e Couto (2021) compreendem que o livro didático, doravante LD, precisa adequar-se aos propósitos locais para o uso da língua e, quando isso não for possível, que este seja utilizado numa perspectiva que estimule os alunos a refletirem criticamente sobre as ideologias inerentes ao livro, a fim de que se posicionem com relação a elas.

Nessa mesma linha, ao refletir sobre as diferentes realidades vivenciadas pelos estudantes e o conteúdo do material didático de inglês, Siqueira (2012, p. 333) destaca que apesar de o mundo se apropriar e consumir o inglês, “esse mesmo mundo continua sem uma real representatividade nos materiais didáticos de língua inglesa”, o que pode levar à exclusão de muitos aprendizes. Os materiais didáticos trazem conteúdos culturais e ideológicos que podem estar em desacordo com a cultura do aluno e, portanto, precisam ser problematizados pelo professor em sala de aula no que diz respeito aos temas e aos valores apresentados (PENNYCOOK, 2001; OLIVEIRA, 2015).

Compartilhando da mesma visão, Fleuri (2001) e Anjos (2019) acrescentam que os LDs não são escritos na perspectiva de educandos de culturas diferentes entre si no que se refere aos modelos de comportamento, ideias, valores e maneiras de interpretar fatos. Esses elementos, que muitas vezes passam despercebidos, podem trazer consequências desagradáveis quando são ignorados ou mal interpretados.

Ao apresentar modelos sociais pré-fabricados, padronizados, opressores e exclusivistas em sala de aula, o LD se descontextualiza do cotidiano no qual os alunos estão inseridos (LIMA, 2015). Assim, o LD de inglês reproduz um “mundo plástico”, mantendo “firmes laços de fidelidade a realidades que buscam se distanciar daquelas de grupos sociais marginalizados e/ou invisibilizados” (SIQUEIRA, 2015, p. 248). Essa reprodução limita as vivências da sala de aula às perspectivas de determinados grupos sociais, não refletindo a diversidade.

Nesse sentido, o silenciamento contribui para a perpetuação do racismo, do preconceito e da discriminação, sendo a principal forma de desrespeitar as diferenças que compõem o ambiente escolar (SOUZA *et. al.*, 2021). Dessa maneira, as representações de gênero e demais categorias sociais influenciam na produção e na reprodução de discursos legitimados nas interações entre os sujeitos e os textos em sala de aula. Então, precisam ser trazidos para discussão junto aos educandos, de modo a não se perpetuarem como formas veladas de preconceito (PEREIRA, 2013).

A diversidade é uma característica intrínseca de quaisquer realidades sócio-históricas, portanto, deve ser reconhecida e valorizada de maneira positiva para que não seja transformada em desigualdade, tornando “os sujeitos a elas referidos objetos de preconceito e discriminação” (CANDAU, 2011, p. 246). Portanto, a diversidade não deve ser retratada no LD de maneira superficial ou a partir de padrões que inferiorizam o lugar do outro (ANJOS,

2009), ou seja, os conteúdos trabalhados em sala de aula não devem reforçar preconceitos, estereótipos ou sentimento de não-pertencimento dos indivíduos. Para tanto, as novas configurações sociais devem estar presentes na sala de aula e nos materiais didáticos de língua inglesa, de modo a promover uma maior representatividade dos sujeitos-educandos no ambiente escolar e o respeito à diversidade.

Há de se considerar, portanto, que um ensino de inglês, que articule docência e diversidade, perpassa por uma formação de professores pautada numa perspectiva multicultural.

SILENCIAMENTOS E INVISIBILIZAÇÕES NOS LIVROS DIDÁTICOS

O silenciamento e a invisibilização da existência de culturas, estéticas e modos de vida que diferem do que foi determinado como padrão são estratégias para impossibilitar o autoconhecimento e o empoderamento coletivo no intuito de manter o controle social. Na década de 1970, Charlot (1979) já sinalizava que a escola ignora a diversidade, reproduzindo estéticas e valores que atendem apenas aos interesses de uma pequena parcela da população, e isso está abertamente expresso nos livros-textos.

A estrutura e a organização dos livros selecionados para esta pesquisa são semelhantes. A unidade 4A no livro *American English File Starter (2019)*, da Oxford, traz o tema família intitulada *Meet the Family*, iniciando com a apresentação de vocabulário referente aos integrantes da família. Em seguida, expõe, como estrutura linguística, adjetivos possessivos, caso genitivo e verbo ser/estar no presente.

O livro *Wider World Starter (2020)*, da editora Pearson, tem uma estrutura parecida com o livro *American English File Starter (2019)*, pois, na unidade 1, intitulada *Family and Friends*, é apresentado o vocabulário relacionado aos membros da família e traz a mesma estrutura linguística com adjetivos possessivos, caso genitivo e verbo ser/estar no presente.

Por último, analisamos o livro *Impact Foundation (2018)*, da editora NGL/Cengage, que apresenta o tema família com o título *Family Matters* na unidade 1. Assim como os anteriores, aborda vocabulário voltado ao contexto de família, e, para estrutura linguística, são apresentados pronomes interrogativos e verbo ser/estar no presente.

Contudo, ao fazer a análise dos referidos livros, os estereótipos e as ausências chamaram bastante a nossa atenção. O primeiro por ratificar um padrão; o segundo por denotar o silenciamento e a invisibilização de questões estruturais e estruturantes da sociedade, como gênero, raça e classe social. Sobre esse assunto, Furlani (2008) destaca que

textos verbais e não-verbais dos LDs e paradidáticos veiculam representações que passam a assumir um status de verdade na formação dos sujeitos.

Para desenvolvermos o estudo a partir da temática família nesses LDs, dividimos esta análise em três seções: a formação da família e as questões de gênero; o privilégio das classes socioeconômica e historicamente dominantes; o lugar das famílias pretas; e as possíveis intervenções para reformulação dos LDs.

A FORMAÇÃO DA FAMÍLIA E AS QUESTÕES DE GÊNERO

No livro *American English File Starter* (2019), para iniciar a lição, é apresentada uma atividade de vocabulário para que os estudantes relacionem os termos com base em uma imagem de família. Como pode ser observado nas imagens a seguir, trata-se de uma família com pessoas cisgênero formada por um pai, uma mãe, uma filha e um filho:

Figuras 1 e 2. *American English File Starter*



Fonte: LATHAM-KOENIG; OXENDEN; LAMBERT, 2019, p.24-25

Nesses recortes, dispomos lado a lado as imagens da mesma família em dois momentos diferentes da atividade, e percebemos que há uma reiteração do modelo convencionalizado pela sociedade patriarcal. Isso porque a ausência de outros formatos de família indica a invisibilização de casais homoafetivos, mães solo, pais solo ou qualquer outra configuração familiar, e isso impacta diretamente na construção identitária dos estudantes, pois, além de embotar a consistência do sentimento de pertencimento e da autoestima da grande maioria que não se encaixa nesse padrão, também ratifica e perpetua a exclusão do que é dessemelhante da norma imposta.

No livro *Impact Foundation* (2018), há uma seção de leitura com três textos sobre diferentes famílias: os Cousteau, os Lowe-Anker e os Leakey. Nesses textos é mantido o padrão de famílias heterossexuais, com uma formação de avós, pais, mães, filhos e netos. Nenhum dos textos traz uma família mantida apenas por uma mãe, um pai, um casal homoafetivo, ou crianças criadas por avós, tios ou mesmo adotadas. Apenas um texto traz uma família com um padrasto, contudo, mantendo a configuração padrão das outras duas famílias mencionadas, com os papéis de pai e mãe sendo desempenhados por um homem e uma mulher cisgêneros heterossexuais e seus filhos. Segue o excerto do texto apresentado no LD:

The Leakey Family⁵

Paleoanthropologists are scientists who are interested in fossils and early human life. There are three generations of paleoanthropologists in the Leakey family. Mary and Louis Leakey were very famous for their important work in the 1940s and 50s. Their son, Richard Leakey, is also interested in early human life. Richard and his wife, Meave, have got two daughters, Louise and Samira. Meave and Louise now work together (STANNET, 2018, p. 29).

No texto acima, é dito que a família Leakey é formada por Richard Leakey, sua esposa Meave e duas filhas, Louise e Samira. Observamos que a constituição de família do livro *Impact Foundation* segue o padrão de dois filhos e um casal, com pessoas cisgênero heterossexuais, como no livro *American English File Starter*. O texto sobre a família Leakey também traz a expressão do patriarcado, pois a patrilinearidade, linhagem em que a descendência é contada a partir da família paterna, é destacada.

Portanto, a formação familiar nessas atividades ainda demonstra ideias forjadas, provavelmente, entre os anos 800 e 500 antes da Era Comum, quando surge a dinâmica do homem mais velho que controla o núcleo familiar, o patriarca. Isso é apontado, por exemplo, na disposição das imagens, em que o pai é colocado em primeiro lugar. Ele também é o mais alto da família, demonstrando a estatura como indicador daquele que protege e comanda.

No livro *Wider World Starter*, observamos que as imagens das atividades também reproduzem o modelo padrão de família como nos outros livros analisados. O uso de imagens como instrumento de controle social é bastante estudado e utilizado na publicidade, ou seja, a semiótica é explorada na área publicitária para que as pessoas assimilem mensagens sem perceber. Observe a imagem a seguir:

Figura 3. *Wider World Starter*

⁵ A Família Leak. Paleontólogos são cientistas interessados em fósseis e na vida humana primitiva. Há três gerações de paleontólogos na família Leakey. Mary e Louis Leakey eram muito famosos por seu importante trabalho nas décadas de 1940 e 1950. O filho deles, Richard Leakey, também está interessado no início da vida humana. Richard e sua esposa, Meave, têm duas filhas, Louise e Samira. Meave e Louise agora trabalham juntos. (STANNET, 2018, p. 29, tradução nossa).

It's Grandma's birthday!

Sophie is Jen and Alex's grandmother. Today is her birthday. She is seventy years old.

1
Sophie: I'm so happy you are here.

2
Sophie: It's Megan!
Megan: Hello, Alex. Hold this, please! Be careful! It's Grandma's birthday cake.
Alex: It's OK! Got it!

3
Megan: Happy birthday, Mom! Here's your gift.
Sophie: Thank you, sweetie.
Dad: Hello, sister!

4
Dad: We're ready for the cake!
Mom: Oh, no!

Fonte: ZERVAS; BRIGHT, 2020, p. 12.

Diante disso, constatamos que o patriarcado e o sexismo são operados de forma sutil através do LD. Por isso, é importante não subestimar a força das imagens em afetar a subjetividade e a autoestima dos indivíduos. Nesse sentido, o livro torna-se mais uma modalidade de exclusão daquelas pessoas que não se amoldam às normas estabelecidas socialmente.

O PRIVILÉGIO DAS CLASSES SOCIOECONÔMICAS E HISTORICAMENTE DOMINANTES

No livro *American English File Starter* (2019), em uma atividade de compreensão oral e escrita, é apresentado o seguinte contexto: o pai e a mãe estão prestes a sair, e deixarão os dois filhos com a babá que cuidará deles.

Destacamos aqui três pontos que são corriqueiros em relação à situação supracitada: as famílias que são de classe média ou alta; o ambiente onde ocorre o diálogo é uma casa ampla com hall de entrada, e provavelmente, possui vários cômodos, pois tem uma escada que sinaliza a existência de mais um andar; e a personagem babá, cujo trabalho é necessário para a maioria das famílias que tem filhos, pais e mães que precisam trabalhar ou sair e não têm com quem deixar suas crianças. Contudo, a maior parte de nossa população não tem

condições financeiras para arcar com os gastos de uma casa confortável, uma babá ou algumas atividades de lazer, o que ratifica o caráter exclusivista do livro.

Figura 4. *American English File Starter*



Fonte: LATHAM-KOENIG; OXENDEN; LAMBERT, 2019, p.25

Não há lugar para a diversidade. É como se todas as pessoas tivessem a mesma condição financeira. É a desumanização, a invisibilização e a opressão das classes de baixa renda, cujas vidas, necessidades e vozes são marginalizadas e ignoradas.

O educador e filósofo, Paulo Freire defendia uma prática pedagógica oposta a isso. Ele explica que a educação bancária

anula o poder criador dos educandos ou o minimiza, estimulando sua ingenuidade e não sua criticidade, satisfaz aos interesses dos opressores: para estes, o fundamental não é o desnudamento do mundo, a sua transformação. O seu “humanitarismo” e não humanismo está em preservar a situação de que são beneficiários e que lhes possibilita a manutenção de sua falsa generosidade (FREIRE, 2011, p. 83).

O LD em questão é descrito como intercultural ou multicultural, mas sua conduta é de preservação de um *status quo*. Essa prática, conforme Paulo Freire (2011), trata-se de uma educação bancária em que os alunos são receptáculos de informações sem questionamento, sem análise crítica do contexto em que está inserido. O professor que trabalha dialógica e criticamente deve questionar como são apresentados os tópicos no material didático.

No livro *Impact Foundation* (2018), há uma imagem de pai e filho muito felizes viajando e explorando um local bastante frio com neve. Nesse ponto, não podemos deixar de indagar: Quantas pessoas têm a condição financeira de fazer um passeio desse tipo? Observe a imagem:

Figura 5. Impact Foundation



Fonte: STANNET, 2018, p. 26 -27.

A proposta dessa atividade é uma discussão a partir da imagem, em que são feitas as seguintes perguntas:

1. Look at the photo. Guess. How are the people related?
 2. What does 'superhuman' mean to you?
 3. Who are your heroes? Are they famous people, friends or people in your family?
- (STANNET, 2018, p. 27)

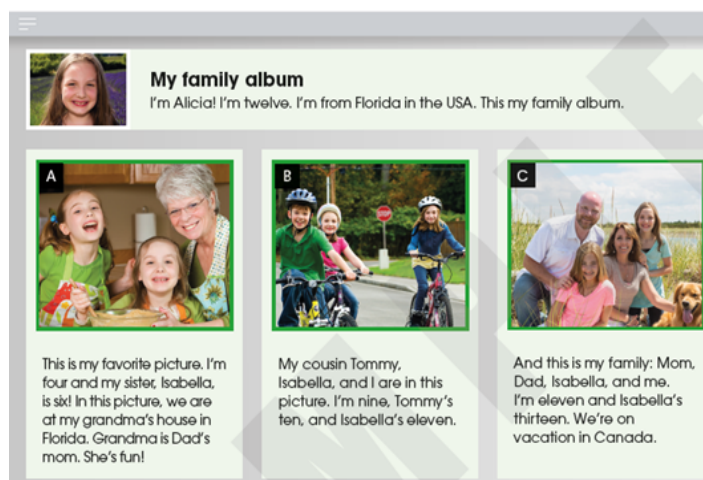
A partir dessas perguntas, percebemos que o pai é colocado como um super-herói. Daí questionamos qual o impacto dessa idealização no alunado brasileiro, uma vez que 31% das mães brasileiras exercem a parentalidade sem a presença do pai (IDP *apud* CNM, 2021). A ausência afetiva paterna, por si, já é bastante danosa ao indivíduo, mesmo assim, ainda há variadas formas de se acentuar essa falta, sendo uma delas no ambiente escolar, e através dos LDs.

Além disso, nem todo pai, infelizmente, é de fato um herói para seus filhos, principalmente em um país machista no qual o pai assume, por vezes, a posição apenas de provedor, quando o faz. Além disso, alguns deles não se envolvem com a educação e o cuidado dos filhos. Essa situação é muito comum nas classes menos favorecidas financeiramente.

No texto já mencionado na seção anterior, a profissão tradicionalmente exercida na família Leakey é a paleoantropologia. Essa área de estudos é normalizada em classes sociais de maior poder aquisitivo, portanto, mais um componente exclusivista que caracteriza as atividades sobre família presentes nessa obra.

No livro *Wider World Starter* (2020), os elementos observados na leitura imagética sugerem se tratar de uma família de classe média também. Observe a imagem a seguir:

Figura 6. *Wider World Starter*



Fonte: ZERVAS; BRIGHT, 2020, p. 17.

No texto referente à terceira imagem da sequência, a personagem Alicia informa que a imagem da família foi registrada durante suas férias no Canadá. Essa padronização de uma condição social, que não reflete a situação socioeconômica da maioria dos estudantes brasileiros, reforça as observações de Oliveira (2019, p. 158), as quais no ambiente construído, através dos textos verbais e não-verbais do LD, há um predomínio “da representação de um cotidiano típico aos modos de existência acessíveis às classes médias”. Isso produz a ideia de que, no LD, não há espaço para a representação da vida dos sujeitos que vivem nas classes mais humildes. Segundo Fleuri (2001), esses materiais didáticos são usados justamente por aqueles educandos cujas realidades são ignoradas. Por isso, Anjos (2019) alerta que não atentar para as questões que envolvem o espaço onde vivem os educandos promove o ensino de conteúdos frágeis, desvinculando-os das suas realidades comunicativas.

É importante ressaltar que o ensino de língua estrangeira no Brasil, historicamente, é forjado na exclusão social e econômica desde sua implementação em 1809, determinada pelo príncipe regente do Brasil, D. João VI. Assim, ele decretou a criação de uma escola de língua francesa e uma de língua inglesa voltadas para a aristocracia da colônia e para aqueles diretamente envolvidos nas negociações comerciais que Portugal mantinha com a França e a Inglaterra.

Desse modo, o classismo do período colonial permeia toda a história do ensino de inglês no Brasil e continua presente no material didático. A popularização e a ampliação do acesso ao ensino de inglês na atualidade ainda não estão refletidas nos livros.

O LUGAR DAS FAMÍLIAS PRETAS

Até este ponto da presente análise, sinalizamos o exclusivismo como característica preponderante nas atividades das obras selecionadas. Além disso, propositalmente, não pontuamos um elemento inerente aos materiais didáticos no ensino de inglês, que está presente em todos os recortes apresentados, o racismo.

Como foi citado no tópico anterior, o ensino de língua estrangeira é historicamente excludente. No Brasil, a educação formal foi inicialmente negada à população negra. Após a abolição da escravidão, o acesso de pessoas negras à escola foi impedido através da pauperização desses cidadãos e da negligência deliberada da educação pública, pois não houve nenhuma política pública que garantisse aos ex-escravizados uma estrutura mínima para a organização, o desenvolvimento e a ascensão econômica dessa parte da população. Muito pelo contrário, todas as ações econômicas, políticas, jurídicas e midiáticas foram executadas para manter o *status quo*.

Na década de 1960, o ensino de línguas estrangeiras foi retirado dos currículos das escolas regulares, e as instituições privadas passaram a gerenciar o ensino dessas línguas no país. Essas ações dificultaram ainda mais que pessoas negras, em sua maioria, historicamente empobrecidas, pudessem aprender quaisquer idiomas que não o português. Obviamente, esse processo de exclusão racial e, posteriormente, socioeconômico se reflete no material didático.

Assim, é incontestável o fato de que o LD vem sendo usado no ensino de língua estrangeira como instrumento de manutenção da estrutura racista. A escritora, pesquisadora e professora Ana Célia da Silva (2019) afirma que é fundamental que professoras e professores utilizem o livro como ferramenta de reflexão crítica com os estudantes, pois, dessa forma, ao questionar os padrões socialmente impostos, não sucumbirão facilmente a eles.

A imagem das duas amigas brancas lendo um cartão de aniversário e conversando sobre as felicitações dos pais, no livro *American English File Starter*, não seria um problema se não fosse a ausência de pessoas negras em toda a seção.

Figura 7. *American English File Starter*



Fonte: LATHAM-KOENIG; OXENDEN; LAMBERT, 2019, p.25

Já no livro *Impact Foundation*, tivemos a grata surpresa de encontrar a imagem de uma família não-branca. Contudo, a feliz reunião da família de pessoas orientais segue o padrão da heteronormatividade. Observe a seguir:

Figura 8. *Impact Foundation*



Fonte: STANNET, 2018, p. 41.

Nessa atividade, os alunos devem completar o diálogo a partir dos membros da família representados na foto. Em seguida, propõe-se que os alunos construam uma árvore

genealógica, preparem um pôster sobre o café da manhã de suas famílias e, em seguida, construam um álbum de família. A proposta de personalizar a atividade, pedindo que eles mostrem a composição da sua família é bastante significativa, mas não ameniza o dano causado pela falta de representatividade.

O livro *Wider World Starter* (2020) é o único dos três livros, aqui analisados, que apresenta uma família com pessoas pretas como atividade de aquecimento (*warm-up*), no início da unidade, através da imagem de uma árvore genealógica. Observe, na imagem, um casal de avós negros:

Figura 9. *Wider World Starter*



Fonte: ZERVAS; BRIGHT, 2020, p. 10.

Embora reconheçamos a importância dessa imagem no sentido de apresentar um traço de pluralidade na unidade, é importante destacar que, nela, há outras 14 imagens e apenas uma em que aparece a representação de pessoas pretas e pardas. Isso evidencia o quanto o LD pode contribuir para a “divisão étnica e do racismo velado na escola” (FERREIRA; CAMARGO, 2013, p. 180).

Silva (2019) explica que o respeito à diversidade resulta em reciprocidade nos relacionamentos e, por isso, não é possível estabelecer relações respeitadas e democráticas em um sistema forjado na exploração do outro. Portanto, é dessa forma que se aprimora a ideologia usada para naturalizar a desumanização e a opressão de pessoas negras, com o

intuito de solapar os valores, a autoestima e a identidade do oprimido, viabilizando assim a subjugação.

AS POSSÍVEIS INTERVENÇÕES PARA REFORMULAÇÃO DOS LIVROS DIDÁTICOS

Nos livros pesquisados, são apresentadas algumas atividades em que os alunos devem escrever sobre suas famílias ou preencher uma árvore genealógica. Apesar de eles oportunizarem a introdução e a apresentação, por parte dos alunos, de outras possibilidades para os membros da família, seria necessário que os livros-textos trouxessem outros modelos de família. Salientamos que os estudantes precisam e devem se reconhecer, bem como reconhecer diferentes identidades no material didático, pois esse, segundo Anjos (2019), deve retratar situações e questionamentos reais que envolvam os educandos em diferentes contextos.

O silenciamento da diversidade, seja de cultura, seja de gênero, seja de raça, nesses livros de língua inglesa, denuncia uma postura machista, racista, classista e opressora, marcada, como criticam Ferreira e Camargo (2013), pela ideologia do branqueamento, difundindo a ideia de uma sociedade supostamente homogênea e padronizada que privilegia as classes dominantes. Assim, cabe ao professor explorar outras possibilidades, de modo a aproximar o conteúdo abordado ao contexto dos alunos, adequando, complementando ou, até mesmo, substituindo o material didático de acordo com as demandas dos educandos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O LD, na maioria dos contextos educacionais, assume o status de inquestionável fonte do saber, como se apresentasse verdades incontestáveis, sugerindo uma realidade absoluta e imutável. Isso se explica, em parte, pelo fato de o LD perpassar pelas escolhas dos autores, suas visões de mundo, de língua, suas escolhas quanto à abordagem, e suas crenças sobre o ensino e a aprendizagem, além de interesses capitalistas, pois o autor busca privilegiar os interesses do público que supostamente adquire o livro. Nesse sentido, não há neutralidade, uma vez que seus conteúdos revelam as formas de ver o mundo, as vivências ou os interesses de seus escritores.

Portanto, a frequente imagem da família veiculada nos LDs é deliberadamente construída de acordo com a heteronormatividade, a branquitude e as ações das classes

sociais com alto poder aquisitivo para a manipulação de comportamentos e de mentalidades. Em outras palavras, a representação de família nos LDs tem papel essencial no processo de constituição dos estudantes enquanto sujeitos e cidadãos, e esse padrão reforça estereótipos e perpetua a exclusão da diversidade, nos âmbitos econômico, social, cultural, racial ou de gênero.

Contudo, para dar conta de fomentar, na aula de inglês, a conscientização sobre a importância e a urgência do respeito à diversidade, é imprescindível a formação docente, pois a mudança de proposta do mercado editorial dificilmente ocorrerá a curto ou a médio prazo. Desse modo, é fundamental o letramento crítico dos docentes sobre questões de gênero, de raça e de classes sociais para que o LD seja colocado em seu lugar de mais um recurso didático e não de elemento determinante do componente curricular.

O LD deve ser analisado, contestado e ressignificado pelo professor e consequentemente pelo estudante para que as imposições advindas do patriarcado, do racismo, do classismo, e também do capacitismo (questão não trabalhada nesse artigo) sejam desconstruídas, atenuando seus efeitos negativos na sociedade, tanto na parcela da população que supostamente se beneficia disso, quanto naqueles grupos sociais que são diretamente lesados por esse sistema fundado no preconceito e na exclusão.

Os autores de materiais didáticos devem levar em consideração o momento social que vivemos, bem como os danos causados historicamente por esse posicionamento racista, machista e classista, buscando mostrar nos livros conteúdos mais inclusivos e democráticos dos variados contextos sociais existentes, pois, como foi demonstrado ao longo desse artigo, a padronização apaga as nuances, silencia a diversidade, cultiva a negação do não padrão, e nutre o desrespeito e o preconceito. É preciso, portanto, naturalizar todas as maneiras de representação familiar nos LDs de maneira que todos os estudantes, de alguma forma, possam se reconhecer, se aceitar, como também aprender a respeitar aquelas configurações que não correspondem à sua experiência pessoal.

REFERÊNCIAS

AMAZONAS, Maria Cristina Lopes de Almeida et al. Representação de família e material didático. *Revista interamericana de psicologia*, Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 236-246, ago. 2008. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext & pid=S0034-96902008000200006 & lng= pt\ nrm=isso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-96902008000200006&lng=pt&nrm=isso). Acesso em 10 out. 2021.

ANJOS, Flávio Almeida. Do equívoco hegemônico à transgressão libertadora in ANJOS, Flavius. Almeida. (org). *Língua inglesa em foco: experiências de aprendizagem e ensino*. Cruz das Almas: UFRB, 2020, p. 23-46.

ANJOS, Flávio Almeida. *Ideologia e omissão no livro didático de língua inglesa em foco: experiências de aprendizagem e ensino*. Cruz das Almas: UFRB, 2019.

CAETANO, Márcio.; SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço da; GOULART, Treyce. Ellen Silva. *Famílias, masculinidades e racialidades na escola: provocações queer e decoloniais*. Revista da FAEEBA - Educação e Contemporaneidade, v. 25, n. 45, 11, p.127-143.

CANDAUA, Vera Maria Ferrão. *Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas*. Currículo sem Fronteiras, v.11, n.2, p.240-255, jul-dez 2011, p. 240-255.

CHARLOT, Bernard. *A mistificação pedagógica: realidades sociais e processos ideológicos na teoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

CNM - Confederação Nacional dos Municípios. *Brasil tem mais de 20 milhões de mães solteiras*. Disponível em: https://www.cnm.org.br/index.php/comunicacao/radio_item/segundo-pesquisa-brasil-tem-mais-de-20-milhoes-de-maes-solteiras. Acesso em: 17 jun. 2022.

COUTO, Leda Regina de Jesus; SANTOS FILHO, Agnaldo Pedro; SANTOS, Eduardo Ferreira. Educação de Jovens e Adultos: reflexões e possibilidades no uso do livro didático de Inglês. *Communitas, [S. l.]*, v. 5, n. 11, p. 232–251, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/COMMUNITAS/article/view/5156> . Acesso em: 3 jan. 2022.

FERREIRA, Aparecida de Jesus; CAMARGO, Mábia. O racismo cordial no livro didático de língua inglesa aprovado pelo PNLD. *Revista da ABPN*, v.6, n.12, nov.2013. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/182> . Acesso em 18 abr. 2020, 177-202.

FLEURI, Reinaldo Matias. Desafios à Educação Intercultural no Brasil. In: *Educação, Sociedade & Cultura*, nº 16, 2001, p. 45-62. Disponível em: www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/ESC16/16-2.pdf. Acesso em 17/01/2022.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FURLANI, Jimena. Gênero e Sexualidade nos materiais didáticos e paradidáticos: Representações de gênero e sexualidade em livros didáticos e paradidáticos. In: *Educação para a Igualdade de Gênero*. Salto para o Futuro, Brasília, ano XVIII, boletim 26, p. 39-46, nov. 2008. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/cadernos_tematicos/salto_futuro_e_ducao_igualdade_genero.pdf. Acesso em: 05 jul. 2022.

GOMES, Nilma Lino; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. O desafio da diversidade. In: GOMES, Nilma Lino; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. (Orgs.). *Experiências Étnico-Culturais Para a Formação de Professores*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. p. 13-33.

HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

LATHAM-KOENIG, Christina; OXENDEN, Clive; LAMBERT, Jerry. *American English File Starter*. Oxford: Oxford University Press, 2019.

LIMA, Luciano Rodrigues. Texto e discurso no ensino de inglês como língua estrangeira. In: LIMA, Diógenes Cândido de. (org). *Ensino aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

LIMA, Maria Nazaré de. *Relações étnico-raciais na escola: o papel das linguagens*. Salvador, EDUNEB, 2015.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. 2.ed. São Paulo: EPU, 2012.

MACHADO, D. de A.; VESTENA, R. de F. Diferentes configurações familiares na escola: Uma reflexão para o seu acolhimento. *Itinerarius Reflectionis*, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 01–18, 2017. DOI: 10.5216/rir.v13i2.46042. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/rir/article/view/46042>. Acesso em: 10 out. 2021.

OLIVEIRA, Fábio Araújo. Masculinidades Negras no Livro Didático de Língua Portuguesa. *Cadernos de Gênero e Diversidade*, Salvador, v. 5, n. 02, p. 145-171, abr. 2019. Disponível em: Acesso em: 20 dez. 2021.

OLIVEIRA, Luciano Amaral de. *Aula de inglês: do planejamento à avaliação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

OLIVEIRA, Nayara Hakime Dutra. *Recomeçar: família, filhos e desafios*. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

PENNYCOOK, A. *Critical Applied Linguistics: a Critical Introduction*. New Jersey, U. S.: Lawrence E. Associates Inc. Publishers, 2001.

PENNYCOOK, Allastair. *The Cultural Politics of English as an International Language*. London: Longman, 1994.

RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco; NUÑEZ, Joana Maria Leôncio; FERNANDEZ, Osvaldo Francisco Ribas Lôbo Diversidade na educação básica: políticas de sentido sobre a formação docente. *Educação e Contemporaneidade*, v. 25, n. 45, 2016, p. 101 - 112.

SILVA, Ana Célia da. *A Discriminação do negro no livro didático*. Salvador: EDUFBA, 2019.

SIQUEIRA, D. S. P. Se o inglês está no mundo, onde está o mundo nos materiais didáticos de inglês? In: SIQUEIRA, D. S. P; SCHEYERL, D. (Orgs.) *Materiais didáticos para o ensino de línguas na contemporaneidade: contestações e proposições*. Salvador: EdUFBA, 2012, p. 311-350.

SIQUEIRA, Domingos Sávio. English As A Lingua Franca And ELT Materials: Is The “Plastic World” Really Melting? Eds. BAYYURT, Yasemin& AKCAN, Sumru. *Current Perspectives on Pedagogy for English as a Lingua Franca*. Berlin: De GruyterMouton, 2015.

SOUZA, Antonio José de. SILVA, Ana Maria Anunciação, ARAÚJO, Sandra Santos de., SOUZA, Heron Ferreira. Escola e docência no contexto da diversidade: notas crítico-reflexivas e propositivas. *Revista Multidisciplinar do Núcleo de Pesquisa e Extensão (RevNUPE)*, v.1, n.1, 2021 p. 1 - 18.

STANNET, Katherine. *Impact Foundation*. Boston: National Geographic Learning / Cengage, 2018.

ZERVAS, Sandy; BRIGHT, Catherine. *Wider World Starter: American Edition Starter*. Pearson: Harlow, 2020.

Recebido em 04 de janeiro de 2023

Aprovado em 18 de abril de 2023.

